precisam ser representados, já que a experiência negra por si só basta para representar a todos?

A César o que é de César, a nós, latino americanos formados com o caldeamento das três raças, o que é nosso —o nosso patrimônio comum de sofrimento, de esforço, de brutalidade e injustiça também, mas a nossa inegável pluralidade racial e cultural que não pode ser representada por um só grupo, pela razão pura e simples que tal complexidade não cabe numa representação “paradigmática”. O ideal de uma “alegoria nacional”, assim como o de uma “alegoria latino americana” traz em si as sementes da simplificação e do reducionismo.

Lógicamente, esses problemas não invalidam o livro de Richard L. Jackson. Pelo contrário —eles o tornam um ainda mais válido e rico documento da problemática interna não só da literatura, mas também da sociedade latino americana. *Black Literature and Humanism in Latin America* é um livro imperdível, e eu o recomendo não só aos aficcionados de literatura mas também a qualquer interessado em aprender mais sobre a América Latina.

University of Pittsburgh

EVA PAULINO BUENO

ROBERT E. DIANTONIO: *Brazilian Fiction; Aspects and Evolution of the Contemporary Narrative*. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 1989.

No universo da chamada literatura hispânica, como ela é divulgada nos Estados Unidos, é sempre um fato digno de nota a publicação de um livro sobre a literatura brasileira. O nome que em geral vem à tona, quando o assunto de literatura latino-americana é mencionado, é sempre García Marquez. Vez que outra algum trabalho novo e instigador aparece, mas na maior parte das vezes é sobre a literatura de língua espanhola. O livro de Roberto DiAntonio é, portanto, muito bem-vindo, já que é sobre a literatura brasileira, e além disso, sobre literatura brasileira contemporânea.

O livro, escrito em inglês, tem transcrição de textos dos originais portugueses, e seus estudos se destinam a “representar a diversidade e a vitalidade de um importante segmento da ficção brasileira contemporânea”, e “a chamar a atenção do leitor de hoje para um importante período da história literária brasileira”. Esta é uma proposição interessante, e, como já dissemos, necessária dentro da situação das “letras hispânicas” nos Estados Unidos. Entretanto, sempre que há um tal esforço de traduzir artefatos culturais de um lado para o outro, problemas de ordem política e ideológica podem aparecer. Neste livro,

tais problemas, juntamente com vários pontos positivos, se juntam de maneira muito singular.

DiAntonio começa dando uma "geral" da situação social e política que informaram os textos que ele vai trabalhar, depois ele analisa, na sequência, os aspectos míticos da narrativa brasileira, a passagem do mito ao anti-mito, a visão absurdista, aspectos da escrita judia-brasileira recente, ficção distópica, estratégias narrativas, direções narrativas e preocupações críticas. Entre as obras utilizadas para esta análise encontram-se romances e contos de Clarice Lispector (*Laços de família* e *A hora da estrela*), Márcio Souza (*Mad Maria*, *Galvez o imperador do Acre*), Roberto Scliar (*O centauro no jardim*), João Ubaldo Ribeiro (*Sargento Getúlio*), Darcy Ribeiro (*Maíra*), e mais Murilo Rubião, Ivan Angelo, Jorge Amado, Ignácio de Loyola Brandão. As análises de DiAntonio são muito interessantes, e, em alguns casos, originais.

Tenho a ressaltar seu estudo de "Mistério em São Cristóvão", (*Laços de família*), onde ele parece estar muito à vontade com o estudo dos usos de figuras míticas universais, e com a problemática do acordar da sexualidade em quatro jovens numa noite em São Cristóvão. Este é um conto belíssimo, e DiAntonio lhe faz justiça com um estudo muito bom. Outra análise bastante feliz é a de *O Centauro no Jardim*, de Moacir Scliar. Novamente DiAntonio trabalha os níveis mitológicos do romance, e o faz muito bem.

Creio que este livro dá uma idéia aproximada da situação da literatura brasileira atual, para um leitor americano que não pode ler as obras no original português. Entretanto, há que se salientar que este leitor também poderá acabar tendo uma imagem da literatura brasileira como ancilária da literatura norte americana. DiAntonio relaciona os autores brasileiros a autores como John Barth, Joseph Heller, Thomas Pynchon e Kurt Vonnegut Jr, embora frisando que a literatura brasileira sob estudo se desenvolve mais como "litterature engagée," enquanto que as obras americanas citadas são mais do tipo "romp-through-contemporary-hell". De uma certa maneira, este relacionamento literatura brasileira/literatura norte americana tem seu lado positivo, porque ajuda o "público em geral" a se identificar com as obras brasileiras, já que elas seguem um padrão mais ou menos conhecido; por outro lado, no entanto, o leitor que entra em contato com a literatura brasileira pela primeira vez através de DiAntonio pode ficar com a impressão de que as literaturas do Brasil e dos Estados Unidos são a mesma coisa, ou, o que é pior, que a literatura brasileira é uma imitação de padrões americanos.

Um outro aspecto que não fica muito bem esclarecido neste livro é a questão do papel que as obras analisadas fazem em relação ao discurso social. DiAntonio toma as obras especialmente como exemplos da exploração artística da situação sócio-política do Brasil pós 64, evitando entrar na discussão do caráter subversivo desses romances. Como disse Jorge Amado sobre seu último romance (e podemos aplicar para toda essa ficção analisada em *Brazilian Fiction*), esta

ficção visa “descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História”. Parece-me que DiAntonio não quer ir muito a fundo nesta investigação da “face obscura” —os mitos, por serem universais, são mais seguros, mais confortáveis de se falar a respeito. O interessante é que DiAntonio faz um julgamento de uma das obras que ele não analisa —*Em câmara lenta*, de Renato Tapajós— e esse julgamento, feito às pressas, é muito revelador. Ele diz que *Em câmara lenta* é a representação do “fracasso e da futilidade do movimento guerrilheiro brasileiro durante o ápice da ditadura” (ênfase minha) (p. 2). Ora, dizer que Renato Tapajós, (que estava na prisão quando escreveu o livro) queria demonstrar o fracasso e a futilidade do movimento a que ele mesmo pertencia, faz lembrar o discurso dos generais nos anos da repressão em suas campanhas de relações públicas que visavam elogiar os generais e denegrir os da resistência. Da mesma maneira que DiAntonio evita envolver-se nos níveis políticos dos livros mais “sérios” que analisa, ele encontra presa fácil em *Câmara lenta*, já que este livro, devido à sua falta de pretensões meramente estéticas, e ao descaso do autor em entretecer diversos níveis narrativos, ou sofisticadas técnicas de narração, pode ser rapidamente julgado.

No livro de DiAntonio, sinto falta também da presença de muitas escritoras brasileiras importantes (está certo que a grande Linspector está presente, mas o fato é que, nos tempos de hoje, falar de literatura brasileira e não falar de Linspector é o mesmo que não saber quem é Machado de Assis, quer dizer, a Linspector é presença obrigatória, “hor’s concours”, etc.; basta perguntar à Helène Cixous). Estudos dos trabalhos de Nélida Piñon, Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, entre as mais conhecidas, se fazem necessários em qualquer estudo de ficção brasileira contemporânea. Nessas vozes femininas há uma ressonância especial, já que elas exploram novos aspectos do ser brasileira e mulher em tempos de cólera e cacetetes.

Seria interessante que DiAntonio houvesse pausado mais nestas questões do valor imanentemente subversivo das grandes obras por ele analisadas, ou de como elas departem do discurso oficial para criar uma metalinguagem política que se estabeleceu no Brasil como a quase única forma de oposição e resistência à ditadura, ou como uma instância da estória organizando a história. Naturalmente, a ausência desses aspectos não invalidam *Brazilian Fiction*. Este é um livro importante para a divulgação da literatura brasileira no exterior, e esperamos que DiAntonio continue a trabalhar com o assunto.

University of Pittsburgh

EVA PAULINO BUENO